



DEFICIÊNCIA X DISCURSOS E ATITUDES CAPACITISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

DISABILITY VS. ABLEIST DISCOURSES AND ATTITUDES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A BIBLIOGRAPHICAL ANALYSIS

DISCAPACIDAD VS. DISCURSOS Y ACTITUDES CAPACITISTAS EN EL ENTORNO ESCOLAR: UN ANÁLISIS BIBLIOGRÁFICO

DOI: 10.5281/zenodo.21124640



Taísa Caldas Dantas¹

Vitória Monteiro de Moraes²

Alyce Liberato Verissimo da Silva³

Maria Maysa Romão Bezerra⁴

RESUMO

O capacitismo é a leitura opressora de pessoas com deficiência, definindo-as como incapazes, provocando impactos em sua vida, especialmente quando discursos e atitudes capacitistas estão presentes no ambiente escolar. O objetivo deste estudo é analisar expressões e atitudes capacitistas adotadas no ambiente escolar, discutindo como estas afetam o percurso estudantil de crianças e jovens com deficiência. Esta pesquisa configura-se como bibliográfica, com recorte entre 2018 e 2024, utilizando os seguintes descritores: Capacitismo; Deficiência; Educação Especial; Escola; Educação Inclusiva; Preconceito; Discriminação; Barreiras Atitudinais e Educação Básica, nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico e Periódicos da CAPES, sendo identificados 34 artigos inicialmente. Após

1 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba vinculada ao Centro de Educação no Departamento de Habilitações Pedagógicas (DHP). E-mail: taisa.cd@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3661-0025>

2 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da UFPB. E-mail: vitoriamonteioromoraes2288@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2755-0009>

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: alyceliberato2@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9071-5531>

4 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: mmaysarb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3484-6091>

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 7 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





a análise dos resumos, 26 foram excluídos por não apresentarem relação direta com a temática investigada. Assim, os oito estudos restantes foram selecionados e analisados com base em três categorias de análise, sendo elas: Concepções docentes acerca dos estudantes com deficiência; Concepções capacitistas dos alunos em relação aos seus pares com deficiência; Impactos do capacitismo em estudantes com deficiência no ambiente escolar. Os resultados apontaram que os discursos e atitudes capacitistas advindas de discentes e docentes foram cruciais para a não participação ativa de estudantes com deficiência em sala de aula. Além disso, a pesquisa identificou também a necessidade ressignificar a formação inicial e continuada de docentes, atualmente ancorada na concepção médica da deficiência.

Palavras-chave: Capacitismo; Escola; Estudante com deficiência.

ABSTRACT

Ableism is the oppressive view of people with disabilities, defining them as incapable, causing impacts on their lives, especially when ableist discourses and attitudes are present in the school environment. The objective of this study is to analyze ableist expressions and attitudes adopted in the school environment, discussing how these affect the academic journey of children and young people with disabilities. This research is a literature review, with a timeframe between 2018 and 2024, using the following descriptors: Ableism; Disability; Special Education; School; Inclusive Education; Prejudice; Discrimination; Attitudinal Barriers and Basic Education, in the Scielo, Google Scholar, and CAPES Journals databases. Initially, 34 articles were identified. After analyzing the abstracts, 26 were excluded for not having a direct relationship with the investigated theme. Thus, the eight remaining studies were selected and analyzed based on three categories: Teachers' conceptions about students with disabilities; Students' ableist conceptions regarding their peers with disabilities; Impacts of ableism on students with disabilities in the school environment. The results showed that ableist discourses and attitudes from students and teachers were crucial for the lack of active participation of students with disabilities in the classroom. Furthermore, the research also identified the need to ressignify the initial and continuing education of teachers, which is currently anchored in the medical conception of disability.

Keywords: Ableism; School; Student with a disability.

RESUMEN

El capacitismo es la visión opresiva de las personas con discapacidad, que las define como incapaces, lo que provoca impactos en sus vidas, especialmente cuando los discursos y las actitudes capacitistas están presentes en el entorno escolar. El objetivo de este estudio es analizar las expresiones y actitudes capacitistas adoptadas en el entorno escolar, discutiendo cómo estas afectan el recorrido académico de niños, niñas y jóvenes con discapacidad. Esta investigación se configura como una revisión bibliográfica, con un recorte entre 2018 y 2024, utilizando los siguientes descriptores: Capacitismo; Discapacidad; Educación Especial; Escuela; Educación Inclusiva; Prejuicio; Discriminación; Barreras Actitudinales y Educación Básica, en las bases de datos de Scielo, Google Académico y Periódicos de la CAPES. Inicialmente se identificaron 34 artículos. Después de analizar los resúmenes, 26 fueron excluidos por no tener una relación directa con el tema investigado. Así, los ocho estudios restantes





fueron seleccionados y analizados con base en tres categorías: Concepciones de los docentes sobre los estudiantes con discapacidad; Concepciones capacitistas de los alumnos sobre sus compañeros con discapacidad; Impactos del capacitismo en los estudiantes con discapacidad en el entorno escolar. Los resultados señalaron que los discursos y las actitudes capacitistas provenientes de estudiantes y docentes fueron cruciales para la falta de participación activa de los estudiantes con discapacidad en el aula. Además, la investigación también identificó la necesidad de resignificar la formación inicial y continua de los docentes, que actualmente se ancla en la concepción médica de la discapacidad.

Palabras clave: Capacitismo; Escuela; Estudiante con discapacidad.

INTRODUÇÃO

Historicamente, as trajetórias de pessoas com deficiência são notadamente marcadas por experiências de exclusão, discriminação e negação de direitos (SHIMONO, 2008). Fato ainda mais grave, consiste nos olhares, discursos e atitudes que incapacitam tais pessoas em razão de lesões presentes em seus corpos, atitudes que ganham uma força ainda maior quando se trata de mulheres, pessoas pretas ou quaisquer outras experiências concebidas como não convencionais.

Essas trajetórias são fortemente marcadas pelo olhar que a sociedade tem sobre as pessoas com deficiência, definindo quem elas são, o que podem ou não fazer, trazendo para sua vida marcas profundas de uma sociedade capacitista. O Capacitismo, portanto, é a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes (VENDRAMIN, 2019). Campbell (2008) aponta que o capacitismo internalizado deflagra uma dificuldade social em interrogar-se pela diferença, tendo como resultado a concepção de pessoas com deficiência como seres menos humanos.

Nesta perspectiva argumentamos que, em intercessão com uma série de marcadores identitários, a exemplo de gênero, raça, classe, região, dentre outros, o capacitismo oprime as pessoas com deficiência de tal forma que passam a ser notadas pela sociedade tão somente a partir dos impedimentos existentes em seus corpos, o que para estas, descarta quaisquer possibilidades de sucesso no plano pessoal, afetivo ou profissional. Diante deste desafio,





reforçamos quão importante é a escola no processo de inclusão e participação social das pessoas com deficiência. Assim sendo, consideramos pertinente compreender como o capacitismo se faz presente nestes ambientes, negando a tais estudantes oportunidades equânimes de participação e aprendizagem.

Por compreender que o capacitismo torna-se determinante no tocante à evasão e, sobretudo, aos sentimentos de culpabilização e fracasso por parte de estudantes com deficiência, esta pesquisa tem como objetivo analisar expressões e atitudes capacitistas adotadas no ambiente escolar, discutindo como estas afetam o percurso estudantil de crianças e jovens com deficiência.

Em relação à metodologia, optamos por realizar uma pesquisa bibliográfica visando analisar pesquisas que abordam situações e discursos capacitistas direcionados aos estudantes com deficiência no ambiente escolar, a partir de estudos escritos na língua portuguesa publicados em base de dados como *Scielo*, Google Acadêmico, Periódicos da CAPES e outros, no período de 2018 a 2024.

Para aprofundar a temática, iniciamos esta construção apresentando algumas definições acerca do capacitismo, discutindo como esta opressão reverbera no cotidiano de pessoas com deficiência. Na sequência, detalhamos o percurso metodológico, culminando com a apresentação dos resultados, discussões e considerações das autoras.

Capacitismo: O que é e onde está enraizado?

Uma percepção mais ampla acerca do capacitismo, de onde o mesmo encontra-se enraizado e, sobretudo, dos seus efeitos no cotidiano de pessoas com deficiência, oferece as lentes que nos permitem compreender a origem das experiências de exclusão e discriminação que marcam suas trajetórias.

Por volta do ano de 2014, emerge no Brasil a adoção do termo capacitismo, o que ocorre a partir das contribuições da antropóloga surda Anahi Guedes de Mello, que traduziu a expressão do inglês *ableism*. A autora refere-se ao capacitismo como toda e qualquer atitude





preconceituosa que hierarquiza as pessoas com base na conformidade de seus corpos a um padrão de beleza e capacidade funcional (MELLO, 2016).

Nos anos seguintes, o termo parecia desconhecido e até confuso, mesmo para profissionais com atuação na área da deficiência. A esse respeito, acompanhamos em nossas aulas, ou em outros diálogos acerca da questão, discursos que relacionavam capacitismo à exaltação de capacidades humanas.

Diante de tal conjuntura, destacam-se os relevantes esforços empreendidos pelos *ciberativistas* da deficiência, no propósito de elucidar e expandir tais discussões, a tal ponto que o conceito, que até então era de uso exclusivamente acadêmico, ganha força e visibilidade, alcançando majoritariamente o público juvenil através de inúmeras campanhas disseminadas nas páginas da *web*.

Entretanto, para desvelarmos as raízes do capacitismo, torna-se necessário retomar o substrato teórico proposto por Mello (2016), segundo o qual a sociedade busca nos padrões de normalidade o estabelecimento de parâmetros para a definição de corpos hábeis e capazes. Compreende-se, em outras palavras, que o capacitismo encontra-se intrinsecamente conectado às concepções de corponormatividade, posto que, conforme apontado por Magalhães e Cardoso, ainda “assistimos com espanto a jogos paraolímpicos ou a espetáculos de grupos de dança de cadeirantes, por exemplo” (2010, p. 60).

Essa forma velada de preconceito revela quão perversos e danosos são os efeitos do capacitismo, posto que, subjacente a discursos que exaltam desempenhos satisfatórios, alcançados por pessoas com deficiência, estão fortemente consolidadas as concepções acerca de sua incapacidade. Nesta perspectiva, se considerarmos que a deficiência está frequentemente associada às noções de *déficit*, torna-se natural e, por vezes, concebe-se como ações de responsabilidade social, isentar tais pessoas do cumprimento de determinadas tarefas, seja no ambiente familiar, na escola e nos mais variados espaços públicos.

Nas palavras de Ferreira, “o capacitismo surge como uma tentativa de proteger e/ou ajudar a outra pessoa, de condecorar suas realizações ou de cumprimentar suas conquistas. No entanto, essas ‘boas intenções’ estão carregadas de preconceito e de uma concepção de



incapacidade” (2023, p. 151). Nesta mesma perspectiva, Vendramin afirma que o capacitismo é acionado pela repetição de um senso comum que rapidamente liga a imagem da pessoa com deficiência a alguma das variações dos estigmas estruturados socialmente, “aos quais se está habituado e, por isso, tendem a não serem percebidos e questionados”(2019, p. 7).

No contexto escolar, o capacitismo pode ser identificado nas barreiras arquitetônicas, comunicacionais, tecnológicas e atitudinais que sustentam o mito do estudante ideal, considerado capaz de realizar o que se propõe sem nenhuma adaptação, ou seja, estudantes sem deficiência ou demais características que não fujam dos padrões estabelecidos de normalidade (FERREIRA;GESSER;BÖCK, 2024). A concepção capacitista no ambiente escolar estimula a naturalização de processos de exclusão, a adoção de planos de ensino em um modelo “tamanho único” e a presença de currículos capacitistas que hierarquizam diferentes modos de se relacionar com o processo de ensino-aprendizagem, tornando-se um obstáculo para a participação efetiva de estudantes com deficiência nas aulas ((FERREIRA;GESSER;BÖCK, 2024).

A falta de compreensão acerca da deficiência, respaldada no modelo social, colabora para a reprodução do capacitismo, este alicerçado no modelo biomédico da deficiência. O modelo biomédico concebe a pessoa com deficiência como *coitadinha* que não consegue realizar atividades em seu cotidiano ou, quando consegue, é compreendida como excepcional (DANTAS *et al.*, 2024).

De acordo com Engel, conforme citado por Prychodco *et al.* (2019, p. 8), o modelo biomédico é influenciado pela lógica mecanicista da Revolução Industrial, que divide o corpo em partes, cabendo às especialidades médicas responsáveis por cada parte consertar o que não funcionam segundo as normas estabelecidas pela sociedade. Nesse modelo, o estudante com deficiência deve procurar a cura ou condições mais próximas ao padrão estabelecido. Aqueles que não conseguem se enquadrar devem restringir-se às instituições de reabilitação (PRYCHODCO *et al.*, 2019).

Essa discriminação impacta a identidade de uma pessoa com deficiência, dado que essa forma de preconceito interfere de maneira negativa, em especial quando praticado no





contexto escolar, tendo em vista que a escola é concebida como o primeiro espaço para adquirir as primeiras noções de cidadania (SOUSA, 2021). Diante disso, as instituições escolares que naturalizam práticas capacitistas exercem funções contraditórias em relação aos direitos humanos, “pois, para uma pessoa com qualquer tipo de deficiência a cidadania e o princípio da autonomia deixam de ser exercidos uma vez que capacidade de estudar, trabalhar ou de conviver socialmente é posta em xeque” (SOUSA, 2021, p. 13).

Diante do exposto, explicita-se a urgência em discutir o impacto de atitudes capacitistas no ambiente escolar, a fim de beneficiar o processo de ensino-aprendizagem de estudantes com deficiência e, conseqüentemente, contribuir para o fortalecimento da educação em uma perspectiva inclusiva.

METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e tem como objetivo analisar expressões e atitudes capacitistas adotadas no ambiente escolar, discutindo como estas afetam o percurso estudantil de crianças e jovens com deficiência. A opção de explorar essa problemática de maneira mais aprofundada nasceu a partir das discussões fomentadas no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial – GEPE, a partir das quais identificamos a escassez de estudos sobre essa temática, que afeta diretamente a vida de milhares de estudantes com deficiência no cotidiano escolar.

Através deste estudo bibliográfico, foram realizadas buscas em plataformas científicas como CAPES, *Scielo* e Google Acadêmico, a fim de visualizarmos pesquisas que possibilitaram a revisão de estudos com base na temática em questão. Para Gil (2008, p. 64), “fontes desta natureza podem ser muito importantes para a pesquisa, pois muitas delas são constituídas por relatórios de investigações científicas originais ou acuradas revisões bibliográficas”.

O objetivo da pesquisa bibliográfica é aprofundar a realidade a partir de estudos já realizados acerca da temática em questão com abordagem qualitativa. Nesta perspectiva, Gil





(2008) define os dados qualitativos como descrições detalhadas de situações, eventos, interações e condutas observadas, bem como através do método indutivo, a fim de assegurar uma compreensão mais profunda de determinados comportamentos e sentimentos que se estabelecem em relação ao tema.

O levantamento bibliográfico para este estudo foi realizado entre os meses de julho e setembro de 2024, por meio dos descritores: Capacitismo; Deficiência; Educação Especial; Escola; Educação Inclusiva; Preconceito; Discriminação; Barreiras Atitudinais e Educação Básica. Os parâmetros utilizados para a busca foram os seguintes: artigos científicos que explorassem a temática abordada, escritos em língua portuguesa e publicados entre os anos de 2018 a 2024 em bases de dados acadêmicos disponíveis na internet. A priori, foram encontrados 34 artigos. Após as leituras dos resumos de cada um, 26 foram descartados por estarem desconexos com o tema em questão.

Para a seleção dos dados, foram utilizadas informações relevantes acerca dos artigos previamente selecionados, registrando-se anotações acerca das citações, autores, ano de publicação, objetivos, metodologias, resultados e considerações. Nesta etapa foi elaborada a tabela a seguir, contemplando os cinco artigos selecionados para a análise bibliográfica.

Quadro 1: Publicações sobre capacitismo no ambiente escolar.

Título	Autores/as	Ano	Palavras-Chave	Referência
Capacitismo e seus efeitos nocivos em alunos com deficiência no ambiente escolar	Marcus Periks Barbosa Krause; Anaízy Moreira de Oliveira Bernardes; Iris Maria Ribeiro Rocha; Carolina Vasconcelos Pitanga.	2024	capacitismo. alunos com deficiência. escola. efeitos nocivos. inclusão.	KRAUSE, Marcus. Periks. Barbosa. et al. Capacitismo e seus efeitos nocivos em alunos com deficiência no ambiente escolar. Cuadernos de Educación y Desarrollo , [S. l.], v. 16, n. 8, p. e5081, 2024.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Narrativas de estudantes da educação básica sobre o capacitismo e o anticapacitismo presentes nas práticas pedagógicas na escola	Simone De Mamann Ferreira; Marivete Gesser; Geisa Letícia Kempfer Böck.	2024	capacitismo. prática pedagógica. educação inclusiva. estudantes.	FERREIRA, Simone Mamann de.; GESSER, Marivete.; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer. Narrativas de estudantes da educação básica sobre o capacitismo e o anticapacitismo presentes nas práticas pedagógicas na escola. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos . 2024.
Barreiras atitudinais: discutindo inclusão no cotidiano escolar através do combate ao capacitismo	Giselle Cristina Menezes dos Santos; Paola Portugal Barbosa dos Santos; Gizell e Abreu Marques Soares Príncipe; Rosa Valim e Veronica Eloí de Almeida.	2023	Barreiras atitudinais. Inclusão escolar. Capacitismo. Cotidiano escolar.	SANTOS, Giselle Cristina. Menezes dos. et al. Barreiras atitudinais: discutindo inclusão no cotidiano escolar através do combate ao capacitismo. Revista Educação Especial , 2023.
Além dos professores especializados: a gestão escolar na Educação Inclusiva	Anderson de Araujo Reis; Rosahyarah Alves.	2023	Capacitismo. Gestão escolar. Inclusão.	REIS, Anderson de Araújo; ALVES, Rosahyarah. Além dos professores especializados: a gestão escolar na Educação Inclusiva. Devir Educação , 2023.
A produção científica sobre capacitismo na educação básica: Uma revisão integrativa de literatura	Simone De Mamann Ferreira; Marivete Gesser; Geisa Letícia Kempfer Böck; Gabriel Carvalho Leandro	2023	Capacitismo. AntiCapacitismo. Educação Básica. Inclusão Escolar	FERREIRA, Simone Mamann de. et al. A produção científica sobre capacitismo na educação básica: Uma revisão integrativa de literatura. Revista Portuguesa de Educação , 2023
“Os professores não sabiam o que fazer comigo!” reflexões interseccionais de	Josiane Eugênio; Alex Sander da Silva.	2022	Deficiência. Interseções. Capacitismo.	EUGÊNIO, Josiane.; SILVA, Alex Sander da. “Os professores não sabiam o que fazer comigo!”: reflexões interseccionais de uma mulher negra com deficiência.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 7 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





uma mulher negra com deficiência				Educação em Revista , 2022.
Educação inclusiva e deficiência: perspectiva de estudantes do ensino médio	Andrea Soares Wu;Karina Albuquerque Barreto;Arian e Berri Riegel	2020	Pessoas com deficiência. Educação inclusiva. Educação especial. Ensino Médio.	WUO, Andrea Soares.; BARRETO, Karina Albuquerque.; RIEGEL, Berri Arian. Educação inclusiva e deficiência: a perspectiva de estudantes do ensino médio. Revista Pedagógica ,2020
O Direito à Educação de Alunos com Deficiência: a Gestão da Política de Educação Inclusiva em Escolas Municipais Segundo os Agentes Implementadores	Flávia Pedrosa de Camargo;Cynthia Pães de Carvalho	2019	Inclusiva. Implementação. Burocracia de médio escalão. Burocracia de nível de rua. Capacitismo.	CAMARGO, Flávia Pedrosa de.;CARVALHO, Cynthia Pães de. O direito à educação de alunos com deficiência: a gestão da política de educação inclusiva em escolas municipais segundo os agentes implementadores. Revista Brasileira de Educação Especial , 2019

Fonte: elaborado pelas autoras.

Para a análise dos dados, recorreu-se ao método da categorização. Esse modelo de análise reúne elementos que possuem aspectos relacionados. Classificar, deste modo, permite unir elementos em torno de um conceito comum que tenha a possibilidade de abranger a categoria (GOMES, 2004).

Com base na leitura dos artigos, reunimos elementos similares e relevantes que evidenciam a força que o capacitismo ainda exerce no ambiente escolar. A partir destas referências, elencamos as seguintes categorias analíticas: 1) Concepções capacitistas de docentes em relação aos alunos com deficiência; 2) Concepções capacitistas dos alunos sem deficiência em relação aos seus pares com deficiência; 3) Impactos do capacitismo no percurso escolar de estudantes com deficiência. Após a análise inicial do material, agrupada com as informações da coleta, foram examinadas as falas presentes nos artigos que abordaram discursos e/ou atitudes capacitistas vivenciados pelos estudantes com deficiência no ambiente



escolar, sendo esta análise fundamentada pelo referencial teórico que embasou o presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa contou com oito artigos revisados, objetivando através de discursos e atitudes, compreender e descrever o impacto do capacitismo no ambiente escolar. Foi possível perceber em primeiro lugar a escassez de pesquisas e outras produções científicas acerca da temática investigada. Nesta perspectiva, embora o capacitismo apareça com certa frequência como elemento de análise, pouco se debate sobre a questão no ambiente escolar. A seguir discutimos os dados encontrados no estudo, à luz das categorias elencadas acima.

Concepções docentes acerca dos estudantes com deficiência

Os artigos analisados revelam as concepções dos docentes em relação aos seus alunos com deficiência. De acordo com Chahini (2010) a postura do professor/a em relação ao seu aluno com deficiência é reflexo da sua formação. A formação fragmentada dos profissionais de educação ocasiona um grau de despreparo do docente, dificultando de certo modo a inclusão dos alunos com deficiência no ambiente escolar. A falta de conhecimento da sociedade, em especial dos professores, sobre como incluir estudantes com deficiência, é um dos aspectos que merecem destaque, considerando que esta lacuna tende a produzir baixas expectativas, além de conflitos e concepções equivocadas em relação ao ensino-aprendizagem desses sujeitos (CHAHINI, 2010). Esta realidade pode ser observada nos relatos a seguir: “Para trabalhar com criança deficiente você tem que ter perfil. Você não pode ter nojo, você tem que estar pronto para trocar, para limpar, para lavar” (CAMARGO; CARVALHO, 2019, p. 625); “Todo o meu planejamento eu tento voltar um pouquinho para eles, por mais que eles não acompanhem”(CAMARGO; CARVALHO, 2019, p. 627).





A partir dos relatos acima torna-se perceptível uma concepção equivocada em relação às capacidades dos alunos com deficiência. O primeiro relato chama atenção para o fato de que, mesmo incluindo os alunos com deficiência no planejamento, a professora não acredita que estes conseguiram alcançar os conteúdos trabalhados em sala de aula. Barreiras atitudinais são expressas por meio de atitudes e discursos como esses, que por vezes não são adotados de maneira intencional, entretanto acabam gerando a exclusão.

Quando a sociedade estabelece um convívio social centrado nas limitações do outro, deixando de lado todo o potencial que o indivíduo possui, desenvolve-se uma relação permeada de barreiras atitudinais, impedindo a participação social da pessoa com deficiência, pois este tipo de comportamento não gera oportunidade de condições justas e igualitárias (MELLO, 2019).

O segundo relato apresenta uma concepção filantrópica a respeito da educação de alunos com deficiência, enfatizando a realização de atividades de cuidado, deixando em segundo plano questões relacionadas à aprendizagem de conteúdos. Posturas capacitistas como essas, são um reflexo de como a sociedade compreende a pessoa com deficiência, visto que ao longo da história da humanidade o capacitismo foi produzindo uma imagem estereotipada acerca desses sujeitos de modo que essas pessoas passaram a ser vistas como incapazes de produzir, trabalhar e aprender. Atitudes discriminatórias praticadas em ambientes educacionais, como essas apontadas pelo presente estudo, contribuem para o fortalecimento do capacitismo em diversos ambientes sociais (CAMARGO; CARVALHO, 2019; CAMARGO, 2020).

Com o advento das mídias digitais, a padronização dos corpos vem ganhando notoriedade, aqueles que não se enquadram no rótulo de “corpo ideal” acabam vivenciando exclusão social, sendo esta fortemente evidenciada em relação às pessoas com deficiência. Assim, corponormatividade rotula o corpo das pessoas com deficiência como anormal, sendo este rótulo associado a incapacidade, segregando os sujeitos em grupos de capazes e incapazes. Geralmente incorpora-se às pessoas com deficiência ao grupo dos incapazes sem





qualquer fundamento científico, apenas baseando-se em concepções capacitistas (JUNIOR; SILVA, 2018), o que pode ser observado nas falas a seguir:

Minha prática está repleta de muitos alunos que foram passando e deixando marcas significativas. Deparei-me com alunos diferentes do padrão normal e aceitei esses alunos. Iniciei um trabalho diferenciado e então se mostraram capazes de muito além do que julgavam ser. Um dos pontos positivos refere-se ao privilégio de trabalhar e aprender com as diferenças. Atualmente não consigo visualizar inclusão, o que observo na prática é um trabalho de socialização (SANTOS *et al.*, 2023,p.36).

Vivemos em uma cultura de valorização dos padrões de beleza, e quando nos reportamos a PcD, os aspectos funcionais logo são expostos de forma pejorativa, os aspectos de sua funcionalidade são expostos como símbolos incapazes, improdutivos e inadequados para o contexto de produção e socialização (REIS; GOUVEIA,2023, p. 7).

O professor sem qualificação na área da Educação Especial e Inclusiva pode ter dificuldades em lidar com alunos com determinadas deficiências e por sentir “pena”, em razão de sua deficiência, acaba proferindo atitudes capacitistas (KRAUSE *et al.* 2024, p. 8).

Na primeira colocação, o comentário parece ser realizado de forma gentil. Contudo, este discurso evidencia uma visão pautada no modelo biomédico da deficiência, o qual define como normativo o corpo de pessoas sem deficiência, já o corpo de pessoas com deficiência é definido como anormal, necessitando ser curado. Tal discurso se revela como uma barreira atitudinal relacionada a estereótipos e comparações equivocadas entre alunos com e sem deficiência. Visões pautadas em estigmas intervêm diretamente na construção da identidade da pessoa com deficiência e conseqüentemente comprometem as relações dessas pessoas com a escola e com a sociedade (SANTOS *et al.*,2023 *apud* CAMARGO, 2020).

A segunda fala reconhece que a sociedade valoriza um padrão de beleza que estereotipa as pessoas com deficiência. Novamente a concepção capacitista reafirma o caráter discriminatório, negando a singularidade desses sujeitos. Por outro lado, reconhecer que vivemos em uma sociedade capacitista é o primeiro passo para combatê-lo (JUNIOR; SILVA, 2018). A última fala ressalta que o preconceito muitas vezes advém do desconhecimento, e nesse contexto quando os profissionais da educação tentam realizar mediações partindo da ignorância acabam perpetuando o capacitismo.





A relação professor/a e aluno é definida a partir da visão que o primeiro tem em relação a sua turma, dos seus modos de compreender e trabalhar com eles. Por meio dos relatos abaixo, o estudo destacou algumas posturas capacitistas em relação aos seus alunos com deficiência:

A coordenação de Educação Especial só vem à escola para saber o que estamos fazendo, dizer o que está certo ou errado, mas ajudar que é bom... [nada]. Quero ver ficar numa turma com 30 alunos e com 3 alunos especiais correndo, batendo e gritando o dia todo! Fica muito difícil dar conta de tudo!(SANTOS *et al.*,2023, p. 18).

A profissional de apoio realizava atividades com uma aluna com paralisia cerebral, enquanto o professor regente aplicava uma atividade distinta para os outros alunos (CAMARGO; CARVALHO, 2019,p. 622).

Nas citações acima nota-se uma insatisfação dos docentes em relação à falta de apoio por parte do poder público e da comunidade escolar em geral, o que influencia diretamente nas ações e concepções desses profissionais acerca dos seus alunos com deficiência. Segundo os estudos das autoras Soares e Carvalho (2012), uma ação inclusiva ultrapassa a boa vontade, a convicção e o compromisso, demandando a participação e consideração da extensão política, quando o poder público ou gestores da escola privada demonstram falta de apoio impossibilita-se a efetivação da inclusão no ambiente educacional, consequentemente fortalecendo o capacitismo.

A realidade que os docentes enfrentam no contexto da sua prática pedagógica está cercada de problemáticas que vão além da sua capacidade de resolução, pois há pouca capacitação para lidar com as diferenças. Salas de aula superlotadas, além de jornada de trabalho exaustiva, são alguns fatores que, para os professores, dificultam a realização de um planejamento visando as adaptações curriculares necessárias, realidade que contribui para manutenção de um cenário escolar capacitista. A esse respeito, destaca-se, que é de responsabilidade do poder público e da comunidade escolar em geral (BRASIL, 2015), fornecer condições para que alunos e professores consigam usufruir dos seus direitos com qualidade. Em outras palavras, defendemos que o aluno com ou sem deficiência tenha acesso





a um ambiente que favoreça sua aprendizagem e o professor encontre os caminhos favoráveis para adoção de metodologias inclusivas (VASCONCELOS, 2021).

Mesmo que a função do profissional de apoio seja importante para inclusão de alunos com deficiência, situações como a observada no último relato são recorrentes nas instituições escolares brasileiras. Nessas situações, esses profissionais acabam exercendo a função dos professores regentes, uma vez que alguns docentes acreditam que os alunos com deficiência não são a sua responsabilidade. Assim, atribuem o processo de ensino-aprendizagem como responsabilidade dos profissionais apoiadores, que, em muitos casos, não possuem formações necessárias para desempenhar o papel de educadores, que exige qualificação necessária para o ensino. Dessa forma, situações como o último relato contrariam a legislação brasileira, incluindo a LDB e outras normas relacionadas à inclusão escolar, as quais estabelecem que o papel do professor deve ser desempenhado por profissionais com licenciatura. Portanto, o papel dos profissionais de apoio é de suporte e não de regência (BRASIL, 1996).

Concepções capacitistas dos alunos em relação aos seus pares com deficiência

A pessoa com deficiência tem que lidar com diversas situações que a sociedade cria de acordo com seu imaginário e crenças infundadas adquiridas ao longo da vida, colocando situações que não condizem com a realidade da pessoa com deficiência. Historicamente, qualquer indivíduo que apresente diferenças do que o padrão social considera normal, torna-se alvo de diversos modelos de violência simbólica e um desses grupos está constituído pelas pessoas com deficiências físicas, mentais, sensoriais/ múltiplas ou transtornos de desenvolvimento (MAZZOTTA; D'ATINO, 2011). A violência simbólica que as pessoas com deficiência sofrem constantemente através do capacitismo também acontece no relacionamento dentro do ambiente escolar entre os alunos.

Uma das formas de violência mencionada nos artigos analisados é o preconceito velado, mascarado de boas intenções, de empatia com o outro. A sociedade se comporta em forma de negação, quando relacionado à pessoa com deficiência esse preconceito vem





cercado com a afirmação de uma carência, impossibilidade ou incapacidade. Nesse contexto, a sociedade ressalta que para a funcionalidade do arranjo social é necessário que se tenha um corpo “saúdavel/padrão”, afirmado pela necessidade que o capitalismo impõe de ter um corpo eficiente para atender as demandas do mercado de trabalho, o diferente é visto como frágil e que precisa de cuidados (SILVA, 2006). Na análise das pesquisas que embasaram esse estudo é possível perceber tal comportamento dos estudantes:

Temos que cuidar com o que falamos, porque pode ser muito delicado um assunto para eles, que para as pessoas sem deficiência não seria; Eles não conseguem fazer algumas atividades que conseguimos fazer; Eles sofrem bastante não podendo ter a mesma sensação que as pessoas sem deficiência têm; Tentar lidar com uma pessoa com certos limites; Não tinha certeza de como agir em algumas situações (WUO; BARRETO; RIEGEL, 2020, p. 7).

Os estudantes tratam o estudante com deficiência como uma pessoa frágil e que precisa de um tratamento diferenciado, afirmam que eles não têm a mesma capacidade e ainda discorrem que sofrem por não serem iguais a eles e que precisam de um certo cuidado na comunicação e relacionamento com eles. Uma visão justificada pelo cuidado com o outro diante das suposições que eles têm sobre a pessoa com deficiência. Os estudantes acreditam que conhecem sobre as limitações e sentimentos da pessoa com deficiência, colocando um olhar estigmatizado sobre elas, criando barreiras e dificuldades que surgem de uma forma de preconceito que tem como base um olhar médico-patológico sobre a pessoa com deficiência. Esta é uma visão capacitista ligada a ideia da corponormatividade, que está sustentada na concepção que existem corpos que não seguem o padrão do corpo funcional, são corpos que precisam de algum modo de reabilitação para se encaixarem socialmente (MELLO, 2016).

Para o conceito de anormal existir, é fundamental que exista antes, um conceito de normalidade (MACHADO; BÖCK; MELLO, 2022). Essa dinâmica cria uma constante comparação que insere a pessoa com deficiência em uma posição de inferioridade. É justamente essa visão reducionista que sustenta falas como: “Coitado dele, como será que ele





consegue fazer essas coisas? As coisas de uma pessoa normal” (FERREIRA; GESSER; BÖCK, 2024, p. 10).

O estigma que cerca a vida da pessoa com deficiência faz a sociedade acreditar que todos aqueles que apresentam algum tipo de deficiência possuem comportamentos, necessidades e identidade similares, justificando uma possível aceitação e destinando para elas um lugar de "coitadinho", "anjo". Acredita-se que a pessoa com deficiência apresenta uma imaturidade emocional, é uma pessoa considerada infantil justificando pelo aspecto da dependência do outro (MAIA; RIBEIRO, 2010). São tratadas todas como iguais, generalizando um modelo de identidade e agregando características a esse grupo. Nas palavras de Wu; Barreto; Riegel: “Todos são iguais e as pessoas deficientes acabam sendo bem mais carinhosas” (2020, p. 8).

Esta fala aponta que os estudantes reduzem todas as pessoas com deficiência a um comportamento único, afirmando que todas possuem uma característica angelical, mais uma vez a colocando num lugar frágil e dependente. Contudo, a identidade é construída em cima dos valores, crenças e contextos que o indivíduo está inserido.

Um ponto que surgiu nas análises foi a ideia de perfeição, do indivíduo como ser perfeito para o que a sociedade exige dentro de padrões construídos. Mesmo que conscientemente saibamos que somos todos diferentes, há um olhar de que a normalidade não se aplica à pessoa com deficiência, trazendo para o comportamento social a ideia de que há um desequilíbrio neste indivíduo comparado a pessoa sem deficiência, atitude esta que pode ser observada nestas falas: “É importante para nós conseguirmos perceber as carências e necessidades de todos, vendo que existem realidades fora da nossa vida perfeita” (WU; BARRETO; RIEGEL, 2020, p. 10); “Por mais que sejam seres humanos, eles vão ter uma dificuldade maior de aprender e de socializar” (WU; BARRETO; RIEGEL, 2020, p. 10).

A própria interpretação da sociedade referente a pessoa com deficiência é cercada de barreiras atitudinais relacionadas à capacidade dessas, definindo o que ela pode fazer ou não, antes mesmo de oportunizar sua participação. O capacitismo reduz e generaliza as pessoas com deficiência tendo como referência a corponormatividade e aqueles que não se adequam





segundo essa ideia da perfeição são impossibilitadas a trabalhar, estudar, cuidar, sentir, amar, entre outras coisas (GESSER; ZIRBEL; LUIZ, 2022). Esta realidade pode ser confirmada nas falas seguintes:

Talvez, necessitem de um auxílio maior; Dependendo da deficiência devem ter um tratamento diferente dos demais estudantes; Precisam de um professor de apoio; Deve receber acompanhamento especial e ser respeitada; Elas merecem ser tratadas normalmente, porém o professor deve dar uma atenção especial a ele dependendo da deficiência; Penso que, dependendo do tipo de deficiência, deve ser difícil de trabalhar e de conviver, mas não é um problema e não deve ser tratado com desrespeito (WUO; BARRETO; RIEGEL, 2020,p. 10).

O capacitismo cria a falsa verdade que toda e qualquer pessoa com deficiência vai apresentar dificuldades na vida escolar, por causa da sua "incapacidade". Nesse contexto, justifica-se uma possível segregação, exclusão pela régua capacitista do olhar da sociedade sobre a deficiência. Isto também pode ser analisado nas seguintes falas:

Creio que deficientes mentais deveriam ter atendimento especial e estudar em ambiente separado e adequado às suas necessidades individuais. Os deficientes físicos necessitam de infraestrutura como rampas e elevadores, para os deficientes físicos não vejo problema algum em estudar com os demais; Se não for algo que atrapalhe a aula é aceitável; Desde que tive pessoa com deficiência na sala de aula, estas nunca atrapalharam de forma alguma meu aprendizado e acho muito importante e bom para elas mesmas estarem ali (WUO; BARRETO; RIEGEL, 2020,p. 10).

Acreditando na falta de capacidade da pessoa com deficiência, ainda há uma defesa que estes estudantes com deficiência frequentem espaços destinados para pessoas "iguais na anormalidade" e que garantem que eles vão conseguir desenvolver, acompanhar e não atrapalhar o andamento da aprendizagem na escola. A história das pessoas com deficiência é cercada de preconceito, exclusão, segregação e tentativas frustradas de modelos de inclusão, mesmo que no decorrer dos anos a legislação tenha avançado e garantido avanços na busca da efetividade da inclusão da pessoa com deficiência e principalmente de igualdade nas oportunidades oferecidas. Contudo, ainda há um estigma muito forte que os colocam fora do padrão do corpo perfeito, de inteligência, da mente capaz, de aprendizagem (LAGE;



LUNARDELLI; KAWAKAMI, 2023). Aspecto este que também pode ser observado nas seguintes falas dos estudantes: “Cego devia ir para uma escola especial, deviam ter mais escolas para pessoas especiais. Para acabar ajudando estas pessoas, para que aprendam de um jeito mais fácil”(FERREIRA; GESSER; BÖCK, 2024, p. 10) e em Wu; Barreto; Riegel (2020,p.9):

Acho que o método de ensino para eles se difere o suficiente do normal para que possa ter uma escola própria para isso, com profissionais treinados para lidar com os deficientes. Também caso esses deficientes estudem conosco eles vão precisar de uma atenção maior do professor, podendo atrapalhar o estudo dos outros.

Além do olhar que a pessoa com deficiência não têm a mesma capacidade e direito de ocupar o mesmo ambiente escolar, há também o estigma que inserir a pessoa com deficiência no coletivo escolar necessitará de alguém para cuidar da pessoa com deficiência, pois a mesma não pode ficar sozinha independente de que nível de autonomia ela apresenta, impedindo assim sua diversão e socialização com os demais.

Eu convidaria, porém não gostaria de ter que ficar cuidando da pessoa em vez de me divertir; Desde que não seja alguém que possa interferir na diversão do dia; Acho que não, pois vou para me divertir e não ficar preocupado com meu amigo; Não consigo cuidar de mim, muito menos de um terceiro”; É estranho demais; e Pode ser difícil de lidar com pessoas com deficiência em ambientes como esse (WU; BARRETO; RIEGEL, 2020, p. 15).

Essa ideia de que a pessoa com deficiência é uma pessoa que constantemente precisará de cuidados de outros para que consiga realizar atividades variadas se caracteriza como um modelo de exclusão, sustentado pela ideia de que a deficiência é uma condição de doença que retira qualquer possibilidade do indivíduo ser independente. Esta realidade justifica-se por diversos pontos que são formados de ideias preconcebidas sobre o outro, então a própria pessoa com deficiência só tem como alternativa existir neste espaço social de acordo com as possibilidades oferecidas (MATTOS, 2012). Torna-se perceptível que as barreiras atitudinais não permitem a criação de relacionamento, amizade de forma natural sem está cercado de um olhar de impossibilidade, cuidado e até mesmo de um certo incômodo da possibilidade da





pessoa com deficiência possa vir a atrapalhar o desenrolar das relações e diversão existentes no espaço escolar.

Impactos do capacitismo em estudantes com deficiência no ambiente escolar

Ao longo dos anos as escolas vêm focando na aprendizagem cognitiva, ignorando o ser integral dos estudantes. Segundo os estudos de Camargo (2020), as expectativas dos docentes em relação às potencialidades dos educandos em alcançar ou não um bom desempenho é um dos fatores que influenciam o desempenho dos educandos. No caso dos estudantes com deficiência esse impacto se torna maior e isto pode ser analisado a partir das seguintes colocações:

Os estudos indicam o quanto a reprodução dos valores dicotômicos capaz/incapaz e normal/anormal - fundantes do capacitismo - não favorece a participação social de estudantes com deficiência em atividades do cotidiano escolar (FERREIRA *et al.*, 2023, p. 10).

Identificou-se a presença do capacitismo na estruturação dos planejamentos, na organização de atividades em formato único e que não atendem às especificidades e a variabilidade de aprendizagens desses estudantes, bem como currículos rígidos e inacessíveis (FERREIRA *et al.*, 2023, p. 1).

Para a coordenadora pedagógica I da Escola III, seria suficiente que o aluno com deficiência que frequenta uma turma de terceiro ano conseguisse pelo menos contar até 10 ou 20 para não ser retido (CAMARGO; CARVALHO, 2019, p. 626).

A constituição de 1988 assegura o direito à educação de todos os indivíduos independente de qualquer condição, ou seja não deve ocorrer impedimento ao acesso à educação, sendo enfatizado no inciso III do seu artigo 59 que o direito à educação de alunos com deficiência deve ser cumprido preferencialmente por seu acesso à rede regular de ensino, além do mais a LDBEN evidencia a importância da adaptação e flexibilização de currículos, e não a supressão dos conteúdos que acaba ocorrendo nos ambientes educacionais (SOARES, CARVALHO, 2012; CAPELLINI; ZERBATO, 2019). Esta realidade que pode ser comprovada no seguinte relato:





Os professores não sabiam o que fazer comigo. Eu tive sorte, assim, que os materiais eram apostilas na época. Eles me davam para me levar para a Associação e a professora de Braille ditava tudo para mim e a gente fazia os exercícios e dava para ter uma base. Mas não é totalmente, nenhum negócio, vou dizer, totalmente assim bom. Assim não fica uma coisa boa. Assim tu tem que depender de muita coisa para poder entender, porque eu sou do tipo que tem que ler e ler várias vezes, para poder entender o assunto. Sou meio lenta para isso. Às vezes assim, eu acho até que os professores me deram nota até para talvez eu sair de lá (EUGÊNIO; SILVA, 2022, p. 35).

Enquanto a pessoa com deficiência estiver em um ambiente que limite a mobilidade, a comunicação, o acesso à informação e aos bens sociais para uma vida plena e autônoma, irá permanecer em situação de desvantagem como está no relato acima. De acordo com as reflexões do autor Casassus (2009), os nossos preconceitos nos impedem de enxergar a potencialidades de outros sujeitos. O fato de um aluno não enxergar, não nega as suas potencialidades, dado que todos os sujeitos são capazes de aprender, sendo necessário estímulos e adaptações para suprir as suas necessidades específicas.

A inclusão escolar é a adequação da escola para que todos os alunos recebam uma educação de qualidade, independente de raça, etnia, gênero, situação socioeconômica, deficiência etc. É a escola que deve ser capaz de promover as adaptações, e não o aluno se adaptar ao contexto escolar (REZENDE; VITAL, 2008). Contudo, mesmo com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), e leis de inclusão que asseguram o acesso educacional a todos, em especial o acesso das pessoas com deficiência em salas regulares, a segregação continua sendo persistente, podendo ser observado na seguinte citação:

Em relação ao modo como o capacitismo é reproduzido, a maioria dos estudos analisados apontam ser por meio da segregação de estudantes com deficiência em turmas separadas, corroborando a manutenção do mainstreaming, na medida em que não produz mudanças no sistema escolar (FERREIRA *et al.*, 2023, p. 15).

A educação escolar deve permitir a interação entre alunos com e sem deficiência, uma vez que a não segregação dos sujeitos com deficiência beneficia todos que compõem o





ambiente educacional, possibilitando um processo de ensino-aprendizagem significativo (CAPELLINI; ZERBATO, 2019).

Um aspecto importante a ser destacado, é que uma escola que adota os princípios inclusivos tem uma gestão escolar que compreende e atende de fato as dimensões de acessibilidade comunicacional, atitudinal, metodológica, instrumental, programática e arquitetônica. A construção de um ambiente escolar inclusivo perpassa pelas diversas ações, em especial a aproximação da comunidade interna e externa que deve ser mediada pela gestão escolar, assegurando o envolvimento de todos que contribuem no processo educacional (ARAUJO; ALVES, 2023). A importância da gestão escolar no processo de inclusão é evidenciada nas seguintes citações:

A gestão escolar deve promover atitudes positivas, estabelecendo mecanismos de cooperação efetiva, onde o contexto humano esteja intrínseco à inquietação dos aspectos vocacionais que se reverbera no processo de inclusão como transformação social, tornando-se visíveis e palpáveis o acesso, a participação, a permanência e a aprendizagem da PcD na escola (REIS; ALVES, 2023, p. 6).

É significativo que a gestão escolar propondo espaços de reflexão sobre o aperfeiçoamento e as possibilidades a partir das potencialidades do aluno, além de compreender que a inclusão escolar da PcD não tem mais volta, reconhecendo o direito subjetivo com base nos princípios equitativos e de emancipação social (REIS; ALVES, 2023, p. 9).

Identificamos que quando o gestor escolar não reconhece a necessidade de ultrapassar as barreiras atitudinais, comunicacionais, pragmáticas, instrumentais, tecnológicas e avaliativas no processo de inclusão, as ações de sua gestão ficam guiadas apenas pelas concepções do desenvolvimento humano em um viés capacitista e mercadológico (REIS; ALVES, 2023, p.13).

A escola é inclusiva porque acolhe os alunos que... que a gente não tem melindre para matricular aluno que tenha algum tipo de deficiência (CAMARGO; CARVALHO, 2019, p. 627).

Dessa forma, confirma-se o papel importante do gestor escolar na inclusão dos alunos com deficiência, visto que a gestão é um exemplo para toda comunidade escolar, sendo assim deve possuir competências e habilidades no setor administrativo e pedagógico para melhor atuar e beneficiar em conjunto com a comunidade escolar, momentos de aprendizagem e





diálogo em favor da inclusão, visando o combate do capacitismo estrutural presente nas escolas (VIOTO;VITALIANO, 2023). O gestor tem como papel principal direcionar o caminho que a escola irá percorrer na educação de seus educandos, se essa figura não tem consciência da importância de oferecer oportunidades para todos que compõem o espaço escolar, como o último relato que concebe a escola como inclusiva apenas por aceitar a matrícula de alunos com deficiência. No entanto, a inclusão no ambiente escolar não se concretiza apenas com a realização de matrículas, mas pela inserção da acessibilidade em todos os segmentos da instituição. Além disso, uma escola que compreende a inclusão da mesma maneira que o último relato, perpetuando o capacitismo em nossa sociedade.

A categorização de análise de dados revela que o capacitismo se manifesta de forma significativa e sistêmica em toda a estrutura escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de expressões e atitudes frequentemente adotadas por docentes e discentes diante da presença de estudantes com deficiência no ambiente escolar, ratifica a força do capacitismo, que, sem sombra de dúvidas, reforça antigas concepções de inferiorização e ainda, descarta, para tais estudantes, maiores possibilidades de sucesso, participação e autorrealização.

Diante de tal desafio, concluímos que o engajamento/fortalecimento das/nas lutas anticapacitistas, emerge como um compromisso que necessita ser urgentemente assumido pelos mais diversos atores que integram o cenário escolar. Ressignificar a formação inicial e continuada de nossos professores, atualmente ancorada em pilares médicos e corponormativos, nos parece uma alternativa viável para iniciar esta luta.

Em meio a realidades escolares e sociais em que as possibilidades de convivência e até mesmo os discursos relacionados à deficiência ainda são evitados, posto que esta é concebida





pelo viés do déficit e/ou da tragédia pessoal, discutir o assunto, evidenciando, não os limites, mas o potencial destes estudantes, representa mais um importante passo neste percurso.

Estamos cientes de que uma participação escolar mais efetiva por parte dos estudantes com deficiência somente será possível se houver, por parte de seus colegas e da comunidade escolar em geral, maior abertura para o diálogo e para uma convivência mais inclusiva.

Diante do exposto, evidenciamos a necessidade de desconstruir certas crenças, de acordo com as quais, seriam os estudantes com deficiência propriedade exclusiva das salas de recursos ou dos profissionais de apoio escolar, demandando, para tanto, um conjunto de ações, colaborativas e planejadas, de modo que todos tomem consciência de seu papel nesse processo.

Ademais, reiteramos a importância de expandir a produção científica com a finalidade de denunciar os drásticos efeitos do capacitismo na escolarização, e por que não dizer? Na vida de estudantes com deficiência, o que pode ocorrer por meio de recortes bibliográficos e, sobretudo, a partir das vozes dos próprios estudantes, que tanto almejam a implementação de escolas cada vez mais acolhedoras e inclusivas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane Barbosa. AS DIFERENÇAS NÃO DEVEM SER TOLERADAS: REFLEXÕES SOBRE ESCOLA INCLUSIVA E EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 27, n. 53, p. 273–299, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/2915>. Acesso em: 25 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 16 ago.2024.

CAMARGO, Flávia Pedrosa de; CARVALHO, Cynthia Paes de. O direito à educação de alunos com deficiência: a gestão da política de educação inclusiva em escolas municipais segundo os agentes implementadores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, p.





617-634, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/XRCWL7VZfdx9LvWK4CVQKnN> . Acesso em: 10 jul. 2024.

CAMARGO, Flávia Pedrosa de. O CAPACITISMO E A EXPECTATIVA DOCENTE EM RELAÇÃO A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA. (SYN)THESIS, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 87–96, 2021. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/61451>. Acesso em: 24 jul. 2024.

CAMPBELL, Fiona Kumari .Exploring internalized ableism using critical race theory.

Disability & society, v. 23, n. 2, p. 151-162, 2008. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/29467719_Exploring_Internalized_Ableism_Using_Critical_Race_Theory . Acesso em : 11 jul, 2024.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho.; Zerbato, Ana Paula. **O que é Ensino Colaborativo?** São Paulo: Edicon, 2019.

CASASSUS, Juan. **FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL**. Brasília: UNESCO liber livros editora, 2009.

CHAHINI, Thelma Helena Costa. **Atitudes sociais e opiniões de professores e alunos da universidade federal do maranhão em relação à inclusão de alunos com deficiência na educação superior**. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação), da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista –UNESP -Campus de Marília. São Paulo: Marília, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102198>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 1994, Salamanca. **Declaração de Salamanca**. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2024.

DANTAS, Taísa Caldas. et al. Educação emocional: um caminho de ressignificação do olhar capacitista em relação às crianças com deficiência. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 21, n. 8, p. e6951. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/6951> . Acesso em: 24 jan. 2025





EUGÊNIO, Josiane; SILVA, Alex Sander da. “Os professores não sabiam o que fazer comigo!”: reflexões interseccionais de uma mulher negra com deficiência. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 27–42, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/12854>. Acesso em: 24 jul. 2024.

FERREIRA, Simone De Mamann. et al. A produção científica sobre capacitismo na educação básica: Uma revisão integrativa de literatura. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 36, n. 1, p. e23022-e23022, 2023. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/27998> . Acesso 12 jul.2024.

FERREIRA, Simone De Mamann; GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer. Narrativas de estudantes da educação básica sobre o capacitismo e o anticapacitismo presentes nas práticas pedagógicas na escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 105, p. e5821, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/6K78VLH8BBSNQLtgjTQ8kkc/> . Acesso em 24 ago. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria.

JUNIOR, Iramar; SILVA, Carlos Loreto. Agentes de inclusão: Reflexões sobre as especificidades das pessoas com deficiência. In: JUNIOR, Iramar. (org.). **O Capacitismo e a necessidade de um novo olhar sobre as pessoas com deficiência**. Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2018. p.57-67.

KRAUSE, Marcus. Periks. Barbosa. et al. Capacitismo e seus efeitos nocivos em alunos com deficiência no ambiente escolar. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 16, n. 8, p. e5081, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5081>. Acesso em: 9 set. 2025.

LLAGE, Sandra Regina Moitinho; LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares; KAWAKAMI, Tatiana Tissa. O Capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia. **Encontros Bibli**, v. 28, p. e93040, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/HSy9D6BjLP6P9Gv3mtBvVyn/> . Acesso em: 20. jul. 2024.





MACHADO, Rosangela; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer.;MELLO, Anahí Guedes de .Escolarização das Pessoas Com deficiência no Brasil: Educação Inclusiva e produção de sentido. In: SILVA, Solange Cristina da; BECHE, Rose Clér Estivalet; COSTA, Laureane Marília de Lima. **Estudos da Deficiência na Educação: Anticapacitismo, Interseccionalidade e Ética do Cuidado**. 20. ed. Florianópolis: UDESC, 2022.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; CARDOSO, Ana Paula Lima Barbosa. A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, p. 45-61, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ffFYWJh6bDCH3JnPHm7tScP/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista brasileira de educação especial**, v. 16, n. 02, p. 159-176, 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-65382010000200002&script=sci_abstract . Acesso em: 21 jul, 2024.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educar em revista**, n. 44, p. 217-233, 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602012000200014&script=sci_abstract . Acesso em: 23 jul. 2024.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira; D'ANTINO, Maria Eloísa Famá. Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais: cultura, educação e Lazer. Ver. Saúde Soc. São Paulo, v.20, n.2, p.377-389, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/mKFfs9J9rSbZZ5hr65TFss5H/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul, 2024.

MELLO,Anahí Guedes de. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade**: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. Núcleo de Identidades de Gênero e subjetividades, programa de Pós -Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MELLO, Leticia Souza.; CABISTANI, Luiza Griesang. Capacitismo e lugar de fala: repensando barreiras atitudinais. **Revista da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande**





do Sul, Porto Alegre, n. 23, p. 118–139, 2019. Disponível em:
<https://revistadpers.emnuvens.com.br/defensoria/article/view/112>. Acesso em: 24 jul. 2024.

PRYCHODCO, Robson Celestino; FERNANDES, Preciosa; BITTENCOURT, Zélia Lourenço de Camargo. Da ambiguidade discursiva às possibilidades de ação no campo da Educação Inclusiva em Portugal. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3131/313158902078/313158902078.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2025.

REIS. Anderson de Araújo; ALVES, Rosahyarah. Além dos professores especializados: a gestão escolar na Educação Inclusiva. **Devir Educação**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. e–673, 2023. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/673> . Acesso em: 22 jan. 2025.

RESENDE, Ana Paula Crosara.; VITAL, Flavia Maria de Paiva. A Convenção sobre os Direitos das pessoas com deficiência comentada. **Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos**, p. 164, 2008. Disponível em:
<https://www.gov.br/governodigital/pt-br/legislacao/ConvenoDireitosPessoasDeficinciaComentada.pdf> . Acesso em: 24 jun. 2024.

SANTOS, Giselle Cristina Menezes dos. et al. Barreiras atitudinais: discutindo inclusão no cotidiano escolar através do combate ao capacitismo. **Revista Educação Especial**, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/72183> . Acesso em: 5 jun. 2024.

SHIMONO, Sumiko Oki. **Educação e Trabalho**: caminhos da inclusão na perspectiva da pessoa com deficiência. Tese (Dissertação de mestrado) -Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 118. 2008.

SILVA, Luciene Maria da. A deficiência como expressão da diferença. **Educação em revista**, p. 111-133, 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/MdZKQkP6rry4RnMMcbCPYkB/> . Acesso em: 24 jul. 2024.

SOARES, Maria Aparecida; CARVALHO, Maria de Fátima. **O professor e o aluno com deficiência**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.





SOUSA, Vanessa Castro Alves de. **O capacitismo e seus desdobramentos no ambiente escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Pedagogia. João Pessoa, PB, 2021, p. 43.

VASCONCELOS, Joyciane Coelho. et al. Infraestrutura escolar e investimentos públicos em Educação no Brasil: a importância para o desempenho educacional. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 113, p. 874-898, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40362021000400874&script=sci_arttext . Acesso em: 3 jun. 2024

VENDRAMIN, Carla. **Repensando mitos contemporâneos: o Capacitismo**. Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos, 2019. Disponível em: https://eadeje.tse.jus.br/pluginfile.php/176765/mod_resource/content/1/Capacitismo.pdf. Acesso em: 30 jan. 2025.

VIOTO, Josiane Rodrigues Barbosa; VITALIANO, Célia Regina. O papel da gestão pedagógica frente ao processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. **Dialogia**, [S. l.], n. 33, p. 47–59, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13671>. Acesso em: 17 set. 2023.

WUO, Andrea Soares ; BARRETO, Karina Albuquerque ; RIEGEL, Ariane Berri. Educação inclusiva e deficiência: a perspectiva de estudantes do ensino médio. **Revista Pedagógica**. v.22, 2020. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/5692>. Acesso em: 16 set. 2024.

Recebido em: 21/05/2026

Aprovado em: 18/06/2026

Publicado em: 02/07/2026

